

A Pedra de Alimar

© 2022 – Cinthya Amaral

## A Pedra de Alimar

Trilogia: As Sacerdotisas da Luz

Cinthya Amaral / José Eustáquio / Ariel

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques  
CEP 13480-970 – Limeira – SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440

*www.edconhecimento.com.br*  
*vendas@edconhecimento.com.br*

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho  
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-129-2  
1ª Edição – 2022

- Impresso no Brasil • Presita en Brazilo
- Produzido no departamento gráfico da

**Conhecimento Editorial Ltda**  
*grafica@edconhecimento.com.br*



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Amaral, Cinthya

A Pedra de Alimar / José Eustáquio e Ariel, obra psicografada por Cinthya Amaral – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2022.

328 p.

ISBN 978-65-5727-129-2

1. 2. 3. 4. Obras psicografadas I. Amaral, Cinthya II  
Título

22-

CDD – 133.93

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Espiritismo 133.93

**José Eustáquio e Ariel**

# **A Pedra de Alimar**

Obra mediúnica psicografada por  
Cinthya Amaral Santos

1ª edição – 2022





## Sumário

Prólogo.....	7
Primeira parte .....	9
Capítulo I.....	11
Capítulo II.....	20
Capítulo III.....	29
Capítulo IV .....	42
Capítulo V.....	53
Capítulo VI .....	63
Capítulo VII .....	69
Capítulo VIII .....	78
Capítulo IX .....	85
Capítulo X.....	96
Capítulo XI .....	107
Capítulo XII .....	117
Capítulo XIII .....	125
Capítulo XIV .....	131
Segunda parte .....	139
Capítulo XV .....	141
Capítulo XVI.....	152

Capítulo XVII.....	163
Capítulo XVIII .....	174
Capítulo XIX.....	183
Capítulo XX.....	199
Capítulo XXI.....	216
Capítulo XXII.....	231
Capítulo XXIII .....	238
Capítulo XXIV .....	243
Capítulo XXV .....	252
Capítulo XXVI .....	264
Capítulo XXVII.....	278
Capítulo XXVIII.....	290
Capítulo XXIX .....	308
Capítulo XXX .....	322

## Prólogo

A casa onde morávamos era grande o suficiente para abrigar umas dez pessoas, mas, ali viviam apenas Ariel, minha mãe; Athon, meu pai; Liabath, minha irmã do meio; e outra irmã mais velha, Arimar e eu, Annabath.

Era uma residência limpa, unida com energias e vibrações positivas, e, ao mesmo tempo, com uma tecnologia impressionante — todos os equipamentos mais modernos, sempre construídos com a finalidade de preservar e nunca degradar o ambiente em que habitávamos. Existia uma rotina como em qualquer civilização e como em toda família normal.

Acordávamos cedo e tomávamos café; nós, as três irmãs, partíamos para a escola enquanto meu pai e minha mãe se dirigiam para os trabalhos do Conselho de Sacerdotes e os estudos de sacerdotes, onde eram Mestres.

Onde vivíamos? É uma pergunta que, com certeza, o leitor fará e desacreditará da resposta, mas a realidade é que morávamos na Atlântida, o continente perdido, localizado no meio do oceano Atlântico — esse que durante mais de 3000 anos desenvolveu um modo de vida e tecnologia invejável. Até certo momento da nossa história éramos uma civilização harmônica que apresentava apenas bons ensinamentos. Após tempos de paz, as trevas começaram a perpetrar em parte de membros importantes, o que nos levaria à destruição.

A maioria da população, que fora corrompida pela maldade, ambição, egoísmo e desamor, foi para o fundo do oceano;

outra parte, recebeu a oportunidade de escapar, encontrar outros continentes e assim construir novas civilizações, como os peles-vermelhas, na América do Norte; os maias e astecas na América Central e a mais famosa: o povo egípcio.

Eu, Anabath, junto às minhas irmãs, fomos sobreviventes e essa história de um novo recomeço é a que contarei a vocês em todos os seus pormenores.

## Primeira Parte



## Capítulo I

Eu, Anabath, tinha quinze anos naquela época, e era a caçula da família. Era alta, padrão do povo de Atlântida — meus cabelos pretos ondulados e olhos negros como a noite. As curvas do meu corpo acompanhavam o frescor da mocidade. Não nos preocupávamos com estereótipos de beleza. Sorridente e serelepe, sempre a mais brincalhona, arranjando trapalhadas com todos ao nosso redor.

A mais velha era Arimar; apresentava 17 anos, alta, cabelos loiros e olhos da cor do oceano. Quem nos olhasse e não soubesse quem eram nossos pais, jamais imaginaria que fôssemos irmãs. Liabath, a do meio, com 16 anos, era a mais parecida fisicamente comigo. Em matéria de idade, parecíamos quase trigêmeas, já que meus pais optaram por ter os filhos em sequência, para seguirmos a tradição dos sacerdotes. Só não esperavam que viessem três mulheres...

Papai aguardou um homem, mas era extremamente feliz com suas filhas.

Frequentávamos na mesma escola; pela manhã e à tarde seguíamos para o Senatório, local onde éramos aprendizes, para após a iniciação exercermos o cargo de sacerdotisa. Papai e mamãe, sacerdotes há mais de 20 anos, possuíam um alto cargo adjacente ao Conselho de Anciãos. O local onde trabalhavam possuía o formato de uma pirâmide com quatro lados; em seu topo havia um cristal violeta, que chamávamos de “PEDRA DE ALIMAR”. Cada sacerdote ou sacerdotisa, ini-

ciados e consagrados, recebia uma pequena pedra semelhante, que era fixada a uma fita dourada, usada na altura da testa, ao redor da cabeça.

Não sabíamos descrever quando a ambição e a maldade principiaram em nossa cidade. Nos tempos da minha narrativa, existia uma tensão inerente na comunidade, uma energia pesada. As pessoas estavam mais inquietas e já não existia a ajuda mútua, o que antes era tão corriqueiro. Ariel e Athon descreviam que essa decadência, como ouviram e também como registrado por antigos anciãos, iniciara-se havia centenas de anos.

O Conselho de Anciãos também foi pervertido. Vários membros demonstravam atitudes desviadas dos ensinamentos seguidos havia milênios em nossa sociedade, tanto no aspecto moral, como tecnológico e científico.

Ariel e Athon eram curadores — do que se poderia chamar nos tempos atuais de escola religiosa, essa que formava novos membros com sensibilidades apuradas, onde aqueles que se sobressaíssem eram consagrados como sacerdotes, passando assim a usar a tão sonhada pedra de fulgor violeta.

Em casa, somente Arimar a receberá, visto que os estudos iniciavam-se depois dos catorze anos. Pelo fato de ter manifestado determinadas sensibilidades precocemente — na época, dons para mim incompreensíveis — ingressei nos estudos mais cedo, com treze anos; assim, me formaria com Liabath.

Arimar, no período da tarde, ajudava no trabalho de desenvolvimento de outras alunas. As turmas eram separadas, entre homens e mulheres, em hipótese alguma por discriminação, mas sim em razão de as funções exercidas serem diferentes. Eu e Liabath estávamos no último semestre; no final de outubro<sup>[1]</sup>, mês dedicado à consagração, passaríamos por um ritual de iniciação e, a partir daí, teríamos contato direto com os deuses e usaríamos a pedra no chacra frontal para captação e canalização da energia universal. Por sermos filhas

[1] Nota do autor espiritual: A história se passa há mais de 6000 anos atrás, período em que não existia calendário como conhecemos na atualidade. Como a narrativa está sendo feita agora, será usada em alguns momentos a nomenclatura dos meses atual, para melhor compreensão, bem como das estações do ano, como indicativo do período em que se passa a história.

de sacerdotes, sofremos retaliações e outros moradores passaram a ter inveja, sentimento antes inexistente.

Um de nossos grandes perseguidores chamava-se Taliel, filho de um sacerdote que deturpou os ensinamentos de uma vida e os transmitiu aos seus filhos de forma pervertida.

Taliel também tinha 16 anos, mas há muito tempo consumia drogas, substâncias essas descobertas por nossos cientistas e que na concepção deles traziam o prazer necessário para se viver. Já não estudava e formou um grupo que o seguia cegamente, como se fossem autômatos, sem opinião ou expressar qualquer tipo de reação.

Na volta da escola, em um dia comum, mais uma vez, fomos vítimas de sua maldade.

— Ei, meninas sacerdotisas, indo para a aulinha do papai e da mamãe?!

— Sim, Taliel; quer nos acompanhar? — perguntei sorrindo, o que o deixou nervoso, pois ele percebia bondade e, principalmente, porque não caíamos em sua sombria sintonia vibratória.

— De jeito algum! Quero é me divertir. Meu pai está conseguindo fazer várias mudanças no Conselho e não precisamos mais fazer parte dessa baboseira de ensinamentos, conversar com os deuses e blá, blá, blá. Quero desenvolver e utilizar a tecnologia que temos.

— Mas os deuses nos ensinaram o que sabemos, foram eles quem nos deram toda essa tecnologia — proferi, na verdade dando-lhe um ensinamento.

— Deram e agora é a nossa vez de progredirmos por nós mesmos. Chegou o tempo dos homens.

— Fico pesarosa ao vê-lo pensar assim. Nossos mestres nos doutrinam a sermos boas pessoas — falou minha irmã Arimar. — Vamos agora, Taliel, temos de almoçar e ir para a aula.

— Tchau, meninas bondosas e bobinhas, ficam perdendo grande parte da vida nessas baboseiras lúdicas.

Taliel saiu emitindo gargalhadas; e assim tristes entramos em casa. Sentamo-nos à mesa e percebemos o semblante de preocupação de mamãe e de papai, situação rara, na verda-

de, raríssima de acontecer. E, naquele dia, tivemos o diálogo mais difícil de nossas vidas — inteiramo-nos sobre a genuína situação de nossa cidade.

— Vocês estão sérios; o que aconteceu? — questionei com a expressão séria e ar de ansiedade.

— Precisamos conversar com vocês — disse o papai.

Era surpreendente como a pedra refletia o estado de espírito de quem a possuía. Nesse momento, ela estava opaca, sem vida, tanto em Ariel quanto em Athon. Realmente algo grave e sombrio precisava ser revelado.

— Já estou aflita — comentei mexendo com minhas mãos, uma na outra.

— Filhas, recebemos hoje uma mensagem dos deuses, que chocou todos os sacerdotes; bem, ao menos todos que ainda acreditam nos ensinamentos milenares recebidos pelos deuses. Precisamos passá-la a vocês e tomar algumas decisões.

— Filhas — começou mamãe, sempre calma e serena — Atlântida sucumbirá muito mais rápido do que supúnhamos. Os deuses revelaram-nos, hoje, que as energias — que começaram a decair há séculos — de nossa cidade, bem como as de nossa sociedade, se obscurecem a cada dia mais e mais. Fatos perversos vêm acontecendo, principalmente advindas dos pensamentos iníquos dos sacerdotes e das descobertas imorais dos cientistas. As intenções de quem se revoltou contra as leis que nos foram ensinadas corrompem a energia de amor que rege nossa sociedade.

— Como, assim, sucumbir? — questionou Arimar. Apesar de mais velha e já ser uma sacerdotisa, ela ainda não dispunha de determinados acessos e poderes desenvolvidos.

— Será destruída, não existirá mais — proferi como se estivesse em transe momentâneo. — É preciso viajar para longe e construirmos uma nova civilização.

— Anabath! Anabath! O que está dizendo, minha filha? — papai pegou em minha mão e perguntou.

Eu continuava com os olhos vidrados, contemplando aquele a quem amava, e continuei a transmitir a mensagem:

— Vários serão os escolhidos para entrar em barcos e

fugirem; preferivelmente, os mais jovens e crianças. Papai e mamãe, dentre as decisões que devem tomar está aquela de que eu, Liabath e Arimar deveremos partir em um desses barcos. Deverão ser construídos ao todo setenta barcos, com capacidade para até cem pessoas. Neles, devem estar pessoas eleitas para chegar em outras paragens e construir uma nova civilização. As embarcações, caso não aconteça o pior, devem ser terminadas no prazo máximo de 8 meses. A escolha dos viajantes deverá partir do coração dos sacerdotes que ainda acreditam na doutrina.

De repente, como em um 'flash', voltei. Passei a mão pelos olhos e percebi olhares incrédulos voltados na minha direção.

— O que aconteceu? Por que estão olhando desse jeito para mim? — perguntei com a testa enrugada e sorrindo.

— Filha, você se lembra de algo, nesses últimos 10 minutos? — perguntou mamãe, aflita, mas sorrindo. Sua filha estava antecipadamente desenvolvendo certos dons que seriam úteis e necessários no futuro próximo.

— Lembro-me de ver vários barcos saindo de Atlântida. Ainda escutava a senhora falando, depois não a ouvi mais. Em um desses barcos, estávamos nós — apontei-me e as minhas irmãs — Depois, não vi mais nada.

— Filha, você fez uma revelação em transe — falou papai. Recorda-se de que no início de nossa conversa, dissemos que os Deuses nos disseram que nossa cidade perecerá?

— Sim — respondi.

— Então, minha flor — disse Arimar, me abraçando. Você esteve em transe e nos disse o que papai e mamãe fariam e o que precisará ser feito.

Arimar sempre me chamava de minha flor. Ser a caçula possuía suas vantagens, mas nossa família era unida e nela, ao menos era o que imaginava na época, não existia inveja ou qualquer tipo de competição.

— Disse? — retorqui com medo na voz.

— Sim, mas não precisa temer. Você só está desenvolvendo seus dons precocemente. Falou que eu, Arimar e você devemos partir daqui a algum tempo. Só não entendi porque papai e mamãe também não irão conosco — contestou Liabath.

— Filhas, vocês serão as sacerdotisas dessa nova civilização. Nós, seu pai e eu, quando chegar esse tempo, já teremos cumprido nossa missão e cuidaremos de vocês, nossos tesouros. Agora, vamos almoçar, pois anteciparemos em um mês a iniciação de Liabath e Annabath. Arimar, desenvolva os ensinamentos finais o mais rápido possível.

— Sim, mamãe. Só delas ou de todas as meninas?

— De todas — respondeu papai. — Realizarei também o dos homens, que são poucos. Apenas três permaneceram na turma final. No dia da iniciação, a pedra nos revelará o restante, e quem de fato traz os dons necessários para se comunicar com os deuses.

Almocei calada e pensativa — nunca ocorreu aquele tipo de situação comigo. Teria de me acostumar com a ideia. Era angustiante pensar que nossa bela civilização, harmonizada no amor, com lindos animais e pessoas sempre unidas pela música, seria um dia aniquilada pelas mãos dos seus habitantes, no sentido moral e espiritual.

Mamãe contava que, em tempos longínquos, no final das tardes, as pessoas sentavam-se na praça, no bosque ou na praia e cantavam celebrando mais um pôr-do-sol. Alegrias essas que já não se vivenciava mais, dado que agora, havia grupos de jovens atormentando nossa paz e a harmonia.

Ainda com o pensamento em minhas visões, não pretendia dizer-lhes tudo o que virá: a nossa terra e nossa gente ser engolida por um redemoinho, formado por um maremoto de desconhecidas proporções.

De volta à nossa atual realidade, às três horas da tarde entramos no Senatório. Era admiravelmente sublime, pintado de um violeta claro. Nos quatro lados, havia a sombra que se formava da Pedra de Alimar. No centro, a pirâmide dourada de quatro lados e no topo a pedra, bem menor do que a da cúpula central, mas que trazia a intensidade ardente do universo criador.

Na pirâmide havia cadeiras douradas, elaboradas de um capim dourado especial. Essa vegetação era nativa da ilha. Através de muitos estudos e tecnologia desenvolvida pelo nosso povo, esse material oferecia robustez e dureza neces-

sárias a várias utilizações, inclusive em embarcações com alta resistência no mar. Esses assentos eram usados por nós alunas, naquele tempo, um total de 20 moças. Os sacerdotes que se rebelaram e não obedeciam mais às leis e às tradições culturais não permitiam que suas filhas se matriculassem na escola de sacerdotes. As cadeiras eram colocadas em círculo, no centro do qual a sacerdotisa professora ministrava o conteúdo e de onde poderia olhar para todas nós. Como eram poucos, os três adolescentes que ainda estudavam com Atho, permaneciam em uma sala reservada, na parte dos fundos do Senatório, que também dispunha uma pirâmide com a pedra em sua ponta.

Na parte do fundo da pirâmide, havia uma espécie de altar com pirâmides pequenas, uma em cada ponta, com minúsculas pedrinhas. Essa decoração do ambiente possuía uma real importância nos rituais de casamentos, enquanto a cúpula central era utilizada para os funerais.

Logo no início da aula, nossa tutora, que naquele estágio era Arimar, fazia uma prece aos Deuses, pedindo-lhes que toda a luz da chama violeta se refletisse nos ensinamentos de paz, amor e bondade. A Pedra sublimava e as paredes tornaram-se translúcidas com uma luz que nos envolvia e fortalecia-nos. Naquele período, diríamos de trevas, era um dos poucos lugares em que observávamos a luz em sua plenitude.

Minha irmã, nesta tarde, sem maiores explicações, informou às alunas que a iniciação seria antecipada em um mês, por isso, no domingo teríamos uma aula extra. Conheceríamos, ao vivo, o local onde fora encontrada a Pedra de Alimar original a que jazia na pirâmide central. Ouviríamos lá a história dos ancestrais que fundaram nossa civilização.

— Sacerdotisa — chamou Calimar, uma aluna, nossa amiga de infância, que tinha a minha idade.

— Sim, Calimar, pode falar.

— Por que nossa iniciação será antecipada?

— Não sei dizer ao certo, apenas recebemos tal orientação através de uma mensagem.

— Alguns colegas dizem que essa iniciação não precisa acontecer e chamam os alunos de ignorantes e atrasados.

— Calimar, quando falarem assim, não lhes dê atenção, apenas sinta o seu coração e siga a direção a que ele a guia.

Nossa amiga andava com a turma de Taliel; ainda assim procurava manter-se fiel aos estudos religiosos, o que infelizmente não aconteceu por muito tempo.

— Sinto medo deles, parece que não são pessoas boas.

— Não sinta isso, afaste-se e faça ao contrário, envie-lhes vibrações de amor.

Arimar compreendia que Calimar estava dividida, que estudava conosco, mas, depois, partia para junto da turma para se divertir. Talvez no início por medo, mas depois descobrimos que a droga foi maior que sua vontade.

— Sim, senhora — concluiu Calimar.

A aula progrediu, mas era visível a tensão e o medo que pairava sobre a cidade. No caso de nossa amiga, as drogas já agiam em seu corpo, o que nós, inocentes nesse aspecto, não percebemos.

Na volta para casa, fomos motivo de chacota por parte de adolescentes que — na praça central — riam e se embriagavam de uma água criada por cientistas; tal bebida era intitulada “Água do Poder”.

Era assustador observar a bela cidade em que nasci succumbir à ambição pelo poder e às más intenções que emanavam do coração de parte da população.

— Pensativa? — questionou Liabath, segurando em minhas mãos — Espreita todos os lados... e, ao mesmo tempo, tem seu olhar perdido como se nada visse.

— Sim, estou. É triste ver esses jovens, grande parte deles que foram nossos amigos, e que agora só promovem arruaças.

— Não fique triste, realizemos como mamãe nos disse, rezemos por eles.

— Mas é por causa deles...

Lembrei-me de que estava na rua e não podia exprimir em voz alta o que pensava e assim apertei a mão de Liabath.

— Pense apenas que nós e tantos outros teremos a oportunidade de recomeçar — explicou minha irmã ao meu ouvido.

— Onde e como? As cenas que visualizei eram apenas de uma terra seca sem nenhuma fertilidade. A visão não era de

um local lindo como este.

— Sendo assim, minha irmã, cabe a nós fazermos dessa terra árida o elixir de uma nova civilização; talvez essa mudança seja um marco no rumo deste grande planeta.

— Mas, sem mamãe e papai?

— Infelizmente, sim.

Deitei a cabeça nos ombros de Liabath e caminhamos para casa e o nosso jantar em família. Naquele ambiente ao menos, por mais algum tempo, poderíamos desfrutar de uma verdadeira comunhão familiar.

## Capítulo II

No sábado, permanecemos em casa. Estávamos ansiosas, aguardando que o domingo chegasse o mais rápido possível. Logo chegou o dia: acordamos cedo para a aula especial sobre a Pedra de Alimar. Mamãe seria a mentora, pois trazia consigo a experiência de anos, guiando suas pupilas ao topo do monte Alimar. Papai guiava os seus alunos que realizariam junto a viagem através do passado.

Às oito horas da manhã, estávamos juntos os dezenove aprendizes. Calimar, por temor, não compareceu. Foi fisgada pela turma de Taliel, que era o líder do bando. Compreendemos isso da pior forma possível. No caminho de casa até o Senatório, deparamo-nos com vários jovens estendidos na praça, bêbados e drogados, largados ao chão após uma boa noite de prazeres. Ao longe, vislumbrei Calimar no chão em posição fetal. Tentei ir ao seu encontro e ajudá-la, mas mamãe segurou meu braço e disse-me:

— Deixe-a, essa é uma escolha que cabe a Calimar. Se um dia vir até nós, a receberemos de braços abertos, cantando à sua volta. Até lá, nada podemos fazer além de pedir aos deuses que a guiem; ela precisará buscar em seu coração forças para resistir ao mal.

Chorei com suas palavras, mas de fato, naquele momento, nada poderíamos fazer por ela senão rezar.

Acompanhavam-nos também os três jovens aprendizes homens alunos de nosso pai. No horário exato, saímos pela